

Rainha alegre da colheita ou Senhora da foice (usada antigamente pelas mulheres nas colheitas de cereais). Em uma dança folclórica húngara, contemporânea, encena-se a reverência à Maria (a herdeira cristã da Deusa) com uma roda de mulheres, com saias coloridas e tiaras bordadas, que pedem cantando à Mulher Abençoada (personificada por uma mãe humana no centro da roda) visitar e abençoar suas casas, famílias, lavouras e bens.

Infelizmente, as proibições religiosas do regime comunista na Hungria, continuando a perseguição secular da igreja católica, suprimiram muitas das tradições antigas remanescentes no meio rural. Após a cristianização forçada no século 12, a língua original de origem asiática (ramo ugro-fínico)- foi europeizada, perdendo-se assim antigos significados de palavras associadas aos ritos agrários. O atual povo húngaro originou-se da mescla de tribos citas, hunos, persas e magiares vindos das estepes da Ásia central. A religião pagã original era monoteísta, centrada em uma divindade incriada,

etérica, sem forma, sexo ou nome, cercada por seres divinos. Reverenciavam-se as forças da natureza, o céu e a Mãe Terra, as deusas mais cultuadas sendo a Grande Mãe - Nagy Asszony -e sua filha Boldog Asszony, ("Senhora da plenitude e alegria"), a Velha Mulher Lua e o casal solar.

Inspirados pela riqueza mítica das antigas deusas nós podemos criar um singelo ritual atual de gratidão, oferecendo à Mãe Divina o tradicional pão e vinho, junto com símbolos da nossa "colheita". Após fazer uma auto-avaliação das realizações dos meses anteriores, agradeceremos os "frutos" colhidos, refletiremos sobre as medidas necessárias para limpar nossos "plantios", deles retirando as ervas daninhas, os insetos invasores e animais predadores. Depois, iremos assumir o compromisso de cuidar e proteger os brotos tênues dos nossos sonhos e aspirações, nutrindo-os com a energia da perseverança, confiança e fé, nos sentindo guiados pelas Mães do plantio e da colheita e abençoados pelas Senhoras ancestrais da plenitude.



# DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

EDIÇÃO  
EXTRA  
Sabbat Lammas,  
agosto de 2008



## Palavras do Cacique do Fogo

Claudio Capparelli



### LAMMAS

#### A IMPORTÂNCIA DA COLHEITA

Vivemos em um universo de aparentes paradoxos. Se por um lado tudo está em equilíbrio, por outro, sua característica oposta é a impermanência.

Uma avaliação precipitada deste confronto poderá nos fazer esquecer que ambas as situações seguem estritas e inflexíveis leis cósmicas, originadas e coordenadas por uma Fonte Criadora. Basta olhar para o céu, à noite, quando o firmamento, apesar de estar em constante movimento, possibilita sua interpretação e avaliação até mesmo pelas leis menores da matemática, tamanha sua precisão. E, ao mesmo tempo permitir que a imaginação nos leve para os confins do universo

racional tentando decifrar os mistérios da vida e da nossa missão espiritual, na nossa curta peregrinação nesta encarnação.

A natureza terrestre, não fugindo destas normas, permite a continuidade da vida através dos seus ciclos que podem ser resumidos como: "limpar/preparar a terra, semear/plantar, colher/comemorar, contemplar/renovar". Os celtas celebravam estas quatro fases por meio dos seus festivais de fogo, respectivamente Imbolc, Beltane, Lammas e Samhain, que refletem e honram o ritmo sagrado e o equilíbrio da vida em Gaia (despertar, crescer, amadurecer, repousar). Cada festival é uma celebração da relação triangular entre divindades, natureza e humanidade, invocando a cooperação e proteção, e agradecendo o sucesso da interação.

Entre nós, seres humanos, que igualmente somos submetidos a estas mesmas Leis, estes ciclos se distribuem ao longo de nossa vida, sendo que sua importância está vinculada às fases que vivemos: infância, juventude, maturidade e velhice. Facilmente reconhecemos a preponderância e o valor da fase adulta, que se torna responsável pela criação (das crianças), educação e orientação (dos jovens) e cuidados (dos idosos). O mérito

#### Agenda 2008

\* 16/08 - Plenilúnio: Celebração da Deusa das Estrelas - *Somente para mulheres*

\* 15/09-Plenilúnio: Celebração grega dos Mistérios de Eleusis - *Somente para mulheres*

\* 22/09 - Comemoração do Equinócio: Ritual de Gratidão - *aberto para homens*

#### Expediente

Edição e diagramação:  
Nane Silva

[www.teiadethea.org](http://www.teiadethea.org)

de se conseguir uma sociedade sadia e bem estruturada cabe à correta aplicação de normas morais e éticas por meio dos cidadãos adultos, seja no âmbito familiar, seja no social, sem ignorar a importância da transmissão de experiências das suas vidas e do seu legado espiritual.

Necessitamos do reconhecimento, por parte de nossos pares, de tudo o que realizamos, da apreciação dos frutos do nosso trabalho, do empenho para crescer e o valor da nossa contribuição para a sociedade. O estímulo que nos move e nos impele a perseguir nossas metas pré-estabelecidas é a fase da colheita. No trabalho

voluntário de que muitos participam, aprendemos que nossa responsabilidade deve estar centrada no trabalho sem nos preocupar com os resultados; mas como saber se estamos no caminho certo? Apenas abrindo os canais de percepção intuitiva, confiando na orientação e proteção divinas e conferindo a aceitação e aproveitamento das nossas atividades.

Aproveitemos a celebração de Lammás para realizarmos nosso próprio ritual de gratidão pelos dons da vida, saúde, oportunidades e por tudo o que temos conseguido através do esforço, persistência e dedicação no trabalho.



## Mirella Faur:

### AS SENHORAS DA PLENITUDE

Nas culturas pré-cristãs celebrava-se a colheita com cerimônias de reconhecimento e gratidão pelas dádivas da terra. Os arquétipos cultuados eram na sua maioria femininos, os nomes e atributos variavam, porém os seus atributos comuns eram: abundância, plenitude, felicidade, alegria, celebração. Os povos indo-europeus reverenciavam a Mãe dos grãos ou a Senhora da vegetação sob diversos nomes e manifestações. No folclore dos

povos eslavos, saxões, nórdicos e celtas permaneceram ocultados - em lendas, histórias e "superstições" - resquícios dos antigos cultos, principalmente a importância da última espiga remanescente nos campos, que estaria retendo o "espírito de fertilidade dos grãos". Ela era cortada ritualisticamente, modelada e vestida como uma mulher, enfeitada com flores e frutos e carregada como representação da Mãe dos grãos em alegres procissões nos vilarejos. Em alguns lugares era transformada em guirlanda e usada pela moça escolhida como "Rainha da colheita", depois guardada e enterrada no

próximo plantio. O cristianismo adotou algumas das antigas datas e práticas da época da colheita nas festas e procissões dedicadas à Maria, na Assunção e nas benzeduras de casas, pessoas, animais, ainda realizados nas áreas rurais de Hungria, Polônia, Romênia.

Na mitologia húngara a regente da fertilidade, nascimentos e abundância (vegetal, animal, humana) era Boldog Asszony ("A Rainha plena e alegre"); os seus atributos foram adotados pela igreja católica e transferidos para o culto de Maria, sendo nomeada Padroeira do país e festejada no dia 17/10 como a "Grande Rainha da Hungria". Deusa protetora da terra, das famílias e curas, Boldog Asszony era filha de Nagy Boldogaszony ("A Grande Rainha"), Mãe Divina ancestral que tinha sete aspectos, cada um regendo um dia da semana e cujas datas ritualísticas foram preservadas nas comemorações do calendário cristão (25/03, 15/08, 17/10 e 26/12).

Pesquisas atuais encontraram semelhanças do Seu arquétipo e culto com os de Astarte, Inanna, Ishtar e principalmente Bau, a Grande Mãe da Mesopotâmia. Supõe-se que os ritos agrários neolíticos e os mitos das deusas da

fertilidade migraram da Suméria e Anatólia para a Europa central, os seus atributos tendo equivalências em várias línguas: dravidiana (da Índia), suméria, persa, turca, balcânica e húngara. Os termos comuns aos atributos divinos são: plena, abundante, alegre, feliz, doadora, parteira, grávida, matrona, senhora, rainha, deusa. O culto de Bau data de 2500 a.C. e é semelhante ao da deusa sumeriana Gula, ambas sendo regentes da fertilidade, abundância e cura, mães divinas doadoras da vida, parteiras, rainhas da colheita e protetoras das almas na sua passagem entre os mundos. Acreditava-se que os espíritos das crianças ficavam escondidos nas pregas



das Suas saias à espera da reencarnação. Seu símbolo era uma taça medidora chamada Bar, cujo hieróglifo X era equivalente à runa nórdica da doação e troca. Nos nascimentos das crianças as parteiras ou avós faziam oferendas de pão e vinho, pois nos mitos existiam advertências para aquelas mulheres que não reverenciavam ou agradeciam à Grande Mãe, privando assim seus filhos das bênçãos divinas.

Assim como as deusas sumérias, Boldog Asszony era celebrada como A Mulher Abençoada, A Mãe plena,